

dos maiores mitos da literatura escrita em língua portuguesa. Em resumo, um belo livro - como só podem escrever aqueles que gostam do que fazem - que revela, antes de tudo, dois autores plenamente afinados com a arte da palavra.

Sérgio Alves Peixoto

NAVA, Luís Miguel. *Poemas*. Porto: Limiar, 1987, 100p.

O brutal assassinato de Luís Miguel Nava, com inequívocas marcas de crime sexual, é motivo para se repensar as fronteiras entre a vida e a morte. Mais ainda: atualiza o debate entre as relações do homoerotismo com a produção poética. Aconteceu em Bruxelas, em maio deste. O poeta tinha 37 anos. Uma dezena de livros publicados — entre eles: *Películas* (1979), *A inércia da desertão* (1981), *Como alguém disse* (1982), *Rebentação* (1984), *O céu sob as entranhas* (1989), *Vuicões* (1994). Destes, os quatro primeiros estão agrupados em *Poemas*. Mais três livros de ensaio: *O pão a culpa e escrita e outros ensaios* (1982), *Poesia de Rodrigues Lobo* (1985), *Eugénio de Andrade* (1987).

O amigo que lhe traça recente perfil, em comovido artigo do JL. 648, fala de suas *frenéticas* e *temerárias* viagens por ignaras terras árabes, documentadas por fotos de *legiões de efebos* — *Mohameds, Rachids, Selims, Abduls, de rosto fechado e olhar rapace*. No dia 8 de maio, *pelas vinte horas, um anjo assim empurrou-o para o Além* — como escreve Amadeo Lopes Sabino no referido JL, no artigo intitulado "O Cavaleiro de Marrocos".

Viagens, aventuras, expedições pelo norte da África. Por lá também andou e se perdeu D. Sebastião, trágica legenda; outros portugueses também por lá expedicionaram ou viveram, em

variado contexto histórico e político (como D. Afonso V e Gomes Teixeira). Intelectuais de várias nacionalidades e ideologias sentiram-se atraídos pelos arquétipos de primitivismo, sexualidade e vitalismo que as regiões áridas do norte africano passaram a representar para o imaginário europeu desde meados do século passado. Grandes romances retratam esses reinos sensuais visitados por André Gide (*O Imoralista*), Allan Robbe-Grillet (*La Jalousie*), Albert Camus (*Chroniques algériennes*), André Malraux (*La voie royale*), Paul Bowles (*A distant episode*). Reinos de fantasia, terras de delícia (Gide), percorridos em diferentes contextos históricos e políticos.

O entrelugar em que se instala este texto (entre o juízo de fato e o juízo de valor, entre a indignação e o reconhecimento, entre parâmetros de vida e de arte) radica na própria notícia policial que acompanha essa morte. O termo assassinato por si só tem conotação de fato e de juízo: refere à ambigüidade da morte acompanhada da estúpida violência. A morte que paraliza a libido e os laços do desejo paraliza também a expressão dessa busca.

A defesa da absoluta literariedade tem uma carga fascista, por mais que impertinentes e idealistas teóricos a prescrevam. Pode (e deve) ser um parâmetro válido para a interpretação e análise de um texto; mas, no horizonte inexpugnável da criação, imensos fatores e variáveis interferem, inclusive o próprio contexto e circunstâncias em que o sujeito criador se inscreve. É sabido, desde Barthes, que aquele que escreve inscreve naquilo que escreve sua própria sexualidade.

Não conheci Luís Miguel Nava. De sua vida nada sei. Vi sua foto na contracapa deste *Poemas*, outras no JL referido. Fazem juz ao perfil de belo e vibrante rapaz, alegre e irônico,

descrito pelos que o conheceram. Li alguma poesia sua, cada vez mais apaixonado pela lição de rigor e pela experiência de vôo que ela proporciona. As belas imagens de associações estridentes e viscerais estão, de fato, para sempre inscritas, como num rito sacrificial (em todo sacrifício a violência se faz presente), no seu corpo crivado de faca. Desses poemas, registros de insuspeitadas e sofridas aventuras, persistem passagens emblemáticas, forjadas em léxico arrebatado, centradas na idéia do corpo como lugar infinito da manifestação do desejo. Poemas metálicos, para serem lidos em volume altíssimo, rock pesado:

... esse rapaz
ao espírito do qual as ondas
vinham rebentar. (p.44)

...pedreiras de que, tendo-as
ouvido rebentar na minha infância,
ainda
agora me saltam estilhaços pelos
olhos. (p.48)

RAPAZ
Não sei como é possível falar
desse
rapaz pelo interior
de cuja pele o sol surge antes de
o fazer no céu. (p.57)

NA PELE
O mar, venho ver-lhe a pele a
rebentar
ao longo das falésias, o que
sempre
me traz a exaltação desses
rapazes que circulam
por Lisboa no verão.
O mar está-lhes na pele. Partilho
com eles os quartos das pensões,
sentindo as ondas
a avançar entre os lençóis. Perco-
me à vista
da pedra onde o mar vem largar a
pele. (p.60-61)

OS PRATOS NA BALANÇA

Por entre as rochas um rapaz, nas
mãos levando
uma balança, avança em direção
ao mar.

Vai procurar pesá-lo. Num dos
pratos, o mar há-de
revolver-se, debater-se, rebentar,
há-de trazer à
superfície a força das entranhas
e atrair o céu,
há-de-o fazer precipitar-se até
com ele se confundir,
e as próprias rochas através das
quais o rapaz
segue não-de pesar no prato
ferozmente. Imperturbável,
o rapaz colocará no outro prato o
seu sorriso. (p.81)

Apontado como referência
fundamental da poesia produzida em
Portugal nos anos 80, Nava realiza
uma síntese do rigor formal dos anos
60 e da narratividade realizada pelos
poetas mais recentes. Em companhia
de Valéry (a pele é o mais profundo),
seu universo poético revela especial
interesse por núcleos temáticos
específicos (o rapaz-relâmpago, o
deserto, o mar, a pele, as entranhas,
o sol, as rochas, os encontros
amorosos adolescentes nas pensões
de Lisboa). Nos últimos anos
exercitava-se na ficção (o texto
"Escadas" publicado no JL 648 atesta
que a literatura portuguesa perde
também um bom ficcionista).

Os paraísos se esfumaram em
ficção, substituíram o doce tom azul
das fábulas árcades pelos rubros
comandos de extermínio. O sonho
acabou, como disse a grande fera do
rock, vítima também da barbárie.

Outubro de 1995
Edgard Pereira